

**A crença no mérito e a desigualdade
a recepção da telenovela do horário nobre**

Conselho Editorial

Alex Primo – UFRGS
Álvaro Nunes Larangeira – UTP
Carla Rodrigues – PUC-RJ
Ciro Marcondes Filho – USP
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS
Edgard de Assis Carvalho – PUC-SP
Erick Felinto – UERJ
J. Roberto Whitaker Penteadó – ESPM
João Freire Filho – UFRJ
Juremir Machado da Silva – PUCRS
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP
Michel Maffesoli – Paris V
Muniz Sodré – UFRJ
Philippe Joron – Montpellier III
Pierre le Quéau – Grenoble
Renato Janine Ribeiro – USP
Sandra Mara Corazza – UFRGS
Sara Viola Rodrigues – UFRGS
Tania Mara Galli Fonseca – UFRGS
Vicente Molina Neto – UFRGS

VENEZA V. MAYORA RONSINI

**A crença no mérito e a desigualdade
a recepção da telenovela do horário nobre**



Editora Sulina

© Veneza V. Mayora Ronsini, 2012

Capa: *Alexandre de Freitas*

Projeto gráfico e editoração: *Daniel Ferreira da Silva*

Revisão: *Caren Capaverde*

Revisão gráfica: *Miriam Gress*

Editor: *Luis Gomes*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

R774c Ronsini, Veneza V. Mayora

A crença no mérito e a desigualdade: a recepção da telenovela no horário nobre / Veneza V. Mayora Ronsini. -- Porto Alegre : Sulina, 2012.
335 p.

ISBN: 978-85-205-0658-5

1. Televisão – Programas. 2. Telenovela – Comunicação de Massa.
3. Meios de Comunicação Social. 4. Mídia – Televisão. 5. Comunicação e Cultura I. Título.

CDU: 316.774
654.19
659.3
CDD: 301.16
791.45

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101
Cep: 90035-190 Porto Alegre-RS
Tel: (0xx51) 3311-4082
Fax: (0xx51) 3264-4194
www.editorasulina.com.br
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

{Agosto/2012}

“Se os tubarões fossem homens,
seriam mais gentis com os peixes pequenos [...]”.
Bertold Brecht, Histórias do sr. Keuner

Agradecimentos

A extensa pesquisa empírica que deu origem a este trabalho, conduzida de 2007 a janeiro de 2010, só foi possível graças ao trabalho coletivo de alunos de iniciação científica e mestrado, membros do grupo de pesquisa *Mídia, recepção e consumo cultural*: Lírian Sifuentes, Laura Wöttrich, Renata C. da Silva (mestrado), Gabrielli Dala Vechia, Juliano Florczak Almeida, Karina Aurora Dacol e Sarah Oliveira Quines.

Aos jovens entrevistados, pela paciência com tão longa interlocução.

Ao CNPq, pelo estímulo à pesquisa e apoio financeiro.

Sumário

Apresentação, 11

Introdução, 13

Parte I – Pressupostos teóricos e metodológicos

1. Balizas teóricas para compreender a recepção, 39

1.1 As classes sociais na modernidade periférica: uma teoria social para compreender a desigualdade, 39

1.2 A teoria das mediações: uma teoria para compreender as relações entre comunicação e cultura, 48

1.2.1 A noção de mediação, 57

1.2.2 Tecnicidade, ritualidade, socialidade, 68

1.2.2.1 A mediação da sociabilidade: classe, família e escola, 75

1.2.2.2 A mediação da ritualidade, 91

1.2.2.3 A mediação da tecnicidade: representações da pobreza na mídia, 93

2. Protocolo metódico, 101

2.1 Desconstruindo o modelo codificação/decodificação, 101

2.2 Seleção da amostra qualitativa e técnicas de coleta de dados, 112

2.3 Seleção e análise do *corpus*, 118

3. As representações da pobreza e da desigualdade na novela das oito, 119

3.1 Aplicação do modelo codificação/decodificação à análise do *corpus*, 122

3.1.1 Análise de *Páginas da Vida*, 122

3.1.1.1 O autor, 124

3.1.1.2 Representações das relações de classe social em *Páginas da Vida*, 128

3.1.2 Análise de *Paraíso Tropical*, 132

3.2.1 O autor, 134

3.1.2.2 Representações das relações de classe social em *Paraíso Tropical*, 137

3.1.3 Análise de *Duas Caras*, 141

3.1.3.1 O autor, 144

3.1.3.2 Representações das relações de classe social em *Duas Caras*, 148

3.1.4 Análise de *A Favorita*, 159

3.1.4.1 O autor, 161

3.1.4.2 Representações das relações de classe social em *A Favorita*, 163

3.1.5 Análise de *Caminho das Índias*, 169

- 3.1.5.1 A autora, 172
- 3.1.5.2 Representações das relações de classe social em *Caminho das Índias*, 176
- 3.1.6 Notas sobre as representações da pobreza e da desigualdade nas telenovelas, 183

Parte II – A recepção da pobreza e da desigualdade

- 4. Leituras da pobreza e da desigualdade por jovens de classe popular, 192
 - 4.1 A família de classe popular: perfil socioeconômico e capital cultural, 208
 - 4.2 A televisão no cotidiano dos jovens de classe popular e as mediações da escola e da família, 220
 - 4.2.1 A mediação da família, 220
 - 4.2.2 A mediação da escola, 222
 - 4.3 Anotações finais, 228

- 5. Leituras da pobreza e da desigualdade por jovens de classe média, 231
 - 5.1 A família de classe média: perfil socioeconômico e capital cultural, 245
 - 5.2 A televisão no cotidiano dos jovens de classe média e as mediações da escola e da família, 256
 - 5.2.1 A mediação da família, 256
 - 5.2.2 A mediação da escola, 258
 - 5.3 Anotações finais, 264

- 6. Leituras da pobreza e da desigualdade por jovens de classe alta e média alta, 268
 - 6.1 A família de classe alta e média alta: perfil socioeconômico e capital cultural, 278
 - 6.2 A televisão no cotidiano e as mediações da escola e da família, 290
 - 6.2.1 A mediação da família, 290
 - 6.2.2 A mediação da escola, 292
 - 6.3 Anotações finais, 296
 - Comparando a recepção nas três classes, 298
 - Comparativo das leituras da pobreza e da desigualdade por gênero, 306
 - O papel das mediações e do consumo, 312

Referências, 325

Apresentação

Influenciada pela leitura dos relatos autobiográficos de mulheres pesquisadoras oriundas da classe operária (Munt, 2000), decidi fazer a apresentação deste livro em tom semelhante, talvez por uma necessidade de interromper temporariamente com o distanciamento que devemos tomar para compreender as questões as quais nos perguntamos de modo científico. Esse distanciamento vai à contramão da exigência de um envolvimento pessoal prolongado e mobilizador de nossas forças orgânicas e subjetivas.

Tendo crescido em uma cidade de economia rural no Rio Grande do Sul e ali vivido até o final dos anos 1970, desde cedo surgiu o mal-estar de uma existência limitada pela classe (e pelo gênero, mas esse tema é assunto para outras pesquisas). Pela classe porque sendo parte de uma classe média ameaçada de rebaixamento, a insegurança financeira sempre foi constante e motivo de insegurança psicológica. Como contrapartida simbólica, uma autoestima sempre tensionada pelo questionamento contumaz acerca de uma existência dividida entre os sonhos de autorrealização e os limites das necessidades mais prementes. A ambição perseguida era um capital cultural mais robusto do que o apropriado ao frequentar a escola e, mais tarde, a faculdade de Jornalismo. Era ter aquela máquina fotográfica para a prática das aulas, inscrever-se em um curso de línguas melhor, viajar, ter a autonomia de gênero e não o conservantismo moral pequeno-burguês sempre preocupado com julgamentos sociais, evitar a admiração subserviente e ressentida em relação à burguesia. Creio que

foi por esses anseios que me dediquei a estudar as classes sociais. O desconforto de não ser nem um nem outro me fez olhar para os dois lados e tentar entender onde estava o problema dessas divisões e do sofrimento que elas acarretam para além de mim.

Em tempos nos quais vigora o imperativo da felicidade (Freire Filho, 2010), poucos querem admitir as dificuldades que atravessam, a não ser para dizer que são fortes e que as superam. Porém, classe é um enquadramento do qual não se escapa e que, às vezes, soa como maldição. Como me disse alguém de classe popular, “o pobre só herda as doenças”. A herança do pobre não se limita às dificuldades que já lhe assaltam antes mesmo de nascer, ela envolve a violência simbólica da deslegitimação, de ser julgado por um déficit de capacidade. A exaltação das suas qualidades geralmente vem com as adversidades e com conjunções adversativas: pobre, mas feliz; pobre, mas honesto. Herança, portanto, significa aqui as disposições que são incorporadas no longo trabalho de socialização da escola, da família (e da mídia) que estrutura modos de percepção e ideologias. A origem social é levada a sério para mostrar que os vínculos com a classe não são tão tênues como se costuma afirmar hoje, mesmo que eles sejam suspensos pela visão encantada das relações humanas que as ideologias ajudam a construir.

Veneza, outono de 2012.